



**Dialogando culturas: ações interdisciplinares sobre aspectos culturais, em forma de dança, da festa de lemanjá do município do Rio Grande/ RS**

**Rodrigo Lemos Soares<sup>1</sup>**

Orientador - Universidade Federal Do Rio Grande

**Andressa Soares De Ávila<sup>2</sup>**

Universidade Federal Do Rio Grande

**Danielle Soares Jesus<sup>3</sup>**

Universidade Federal Do Rio Grande

**Flaviana Custódio Silvino<sup>4</sup>**

Universidade Federal Do Rio Grande)

**Juliana Carvalho Cabral<sup>5</sup>**

Universidade Federal Do Rio Grande

**Lucas Pedroso Xavier<sup>6</sup>**

Universidade Federal Do Rio Grande

**Tamara Lemos Da Rosa<sup>7</sup>**

Anhanguera Educacional – Rio Grande

**Resumo:** O presente estudo refere-se a olhares sobre um trabalho de extensão vinculado a experiências de orientação e docência na Universidade Federal do Rio Grande. O objetivo do trabalho e agora escrita refere-se a diálogos com o componente curricular Culturas do Movimento Humano II, na qual foi proposto aos discentes que buscassem um tema cultural do município do Rio Grande para desenvolvermos dinâmicas extensionistas (oficinas, palestras, cursos), em prol de discussões e debates sobre acontecimentos que forjam parte das culturas e identidades do município do Rio Grande/ RS. Das temáticas apresentadas pelo grupo o destaque foi sobre as danças afro, vinculadas ao evento religioso Festa de lemanjá realizada na cidade do Rio Grande/ RS. Como processos metodológicos dividimos o grupo para que fossemos visitar centros religiosos de matriz africana, bem como, realizamos uma vigília durante a festa de lemanjá do ano de 2016, visitando os terreiros que lá estavam, entrevistamos xs responsáveis pelas instituições e realizamos

<sup>1</sup>Professor de Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Mestre em Educação em Ciências pelo Programa de Pós-graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde em associação ampla entre FURG - UFRGS - UFSM, na linha de pesquisa: Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos; Especialista em Educação Física Escolar pela Pós-graduação em Educação Física escolar do Instituto de Educação FURG; Aluno/ pesquisador do Observatório de Políticas Públicas da Cultura Corporal (OCUCO FURG) e também, do grupo de pesquisas Sexualidade e Escola (GESE FURG). Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação Profissional em História da FURG, na linha de pesquisa Campos e Linguagens da História.

<sup>2</sup>Graduanda do curso de Pedagogia (noturno) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Bolsista voluntária do Centro Regional de Estudos, Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos (CENPRE – FURG).

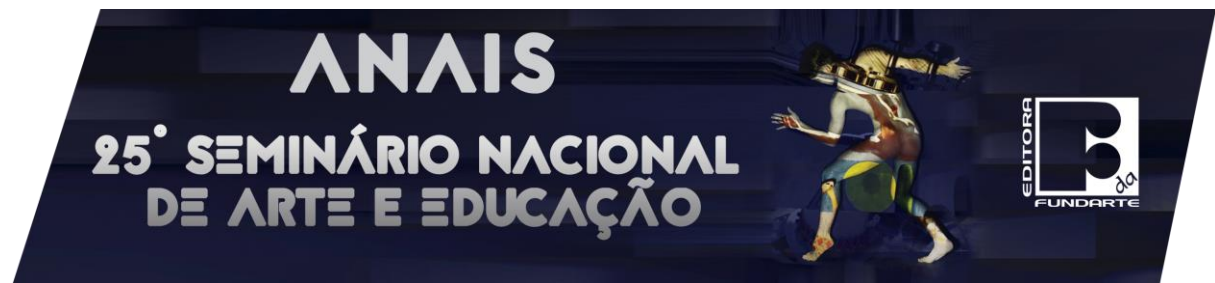
<sup>3</sup> Graduada em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Graduanda em Artes Visuais (FURG); Bolsista do Programa do Programa de Iniciação a Docência (PIBID – ARTES – FURG).

<sup>4</sup> Graduanda do curso de Educação Física – licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Bolsista do Projeto de Danças Populares brasileiras pelo Instituto de Educação (IE – FURG).

<sup>5</sup> Graduada em Administração; Graduanda do curso de Educação Física – licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande; Bolsista do Projeto Ginásticas para comunidade pelo Instituto de Educação (IE – FURG).

<sup>6</sup> Graduado em Fisioterapia pela Anhanguera Educacional do Rio Grande; Graduando do curso de Educação Física – licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande; Bolsista do Observatório da Cultura Corporal (OCUCO – FURG).

<sup>7</sup> Graduanda do curso de Psicologia pela Anhanguera Educacional do Rio Grande; Bolsista do setor de Recursos Humanos da Superintendência do Porto do Rio Grande/ RS.



apontamentos em diários de campo. Após dois meses de visitas e encerrada a Festa de Iemanjá marcamos uma reunião para debatermos nossas aprendizagens. Nas análises, as danças aparecem como parte dos ritos e são ensinadas pela oralização, a partir das mitologias das entidades que chegavam a cada terreiro. Além disso, depende do tempo de desenvolvimento de cada médium. Percebemos também diferentes transposições, implantações e adequações nos terreiros, estabelecendo assim, um complexo cultural que, também, se expressa através de associações religiosas, nas quais, as danças, seus artefatos e manifestações se mantêm e, por ora se renovam.

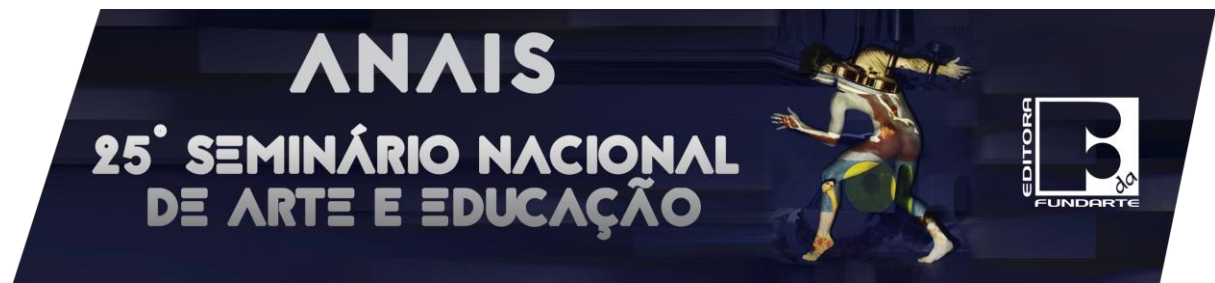
**Palavras-chave:** Educação física; danças; culturas.

### **Demarcando terrenos e terreiros...**

O presente resumo refere-se a um recorte sobre um trabalho de extensão vinculado a experiências de orientação e docência nos diferentes cursos em que atuei enquanto substituto na Universidade Federal do Rio Grande nas seguintes licenciaturas: Artes Visuais, Educação Física, Geografia, Pedagogia e uma discente do curso de Psicologia da Anhanguera Educacional. O curso no qual estava vinculado é o de Educação Física o qual percebo permeado por múltiplos atravessamentos, dentre eles, a Cultura Corporal de Movimento e as Corporeidades.

O objetivo do projeto e agora escrita refere-se a diálogos com o componente curricular Culturas do Movimento Humano II, na qual foi proposto aos discentes que buscassem um tema cultural do município do Rio Grande para desenvolvermos dinâmicas extensionistas (oficinas, palestras, cursos e produção de textos), em prol de discussões e debates sobre acontecimentos que forjam parte das culturas e identidades do município do Rio Grande/ RS. Das temáticas levantadas e apresentadas pelo grupo o presente recorte é sobre as danças afro, vinculadas ao evento religioso Festa de Iemanjá realizada na cidade do Rio Grande/ RS.

Logo, no ingresso na Universidade Federal do Rio Grande, como docente senti a necessidade de estimular xs discentes as operarem com as culturas locais em seus estudos e projetos/ planos de aula. Deparei-me com inúmeras possibilidades para entender a pluralidade dos corpos e culturas voltados a diferentes campos e saberes. Expostos estes impulsos iniciais, busquei articular os espaços conforme preconiza a regulamentação desta instituição, operando um projeto cultural com base no tripé – ensino, pesquisa e extensão.



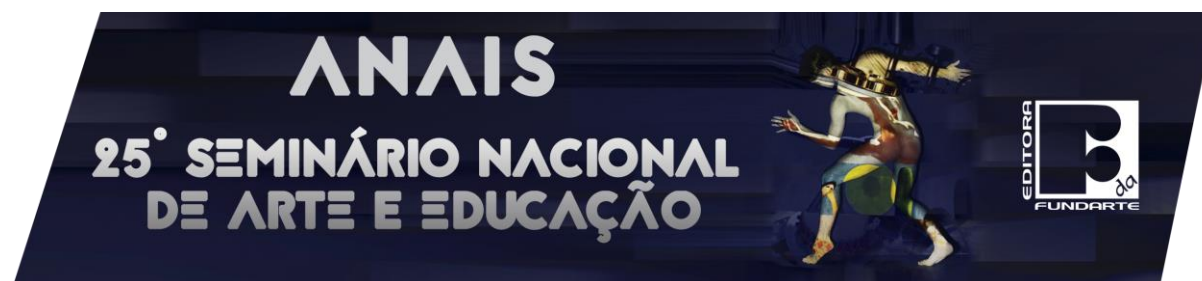
### **De giras em giras... passos dados em direção do mar**

Dividimos o grupo para que cada um fosse visitar centros religiosos de matriz africana. Ainda sestosos fomos a campo, encorajadxs por um ímpeto de manifestação e de afirmação de uma identidade<sup>8</sup> religiosa. Realizamos uma vigília durante a festa de Iemanjá do ano de 2016, visitando os terreiros que lá estavam, entrevistamos xs responsáveis pelas instituições e realizamos apontamentos em diários de campo. Após dois meses de visitas e encerrada a Festa de Iemanjá marcamos uma reunião para debatermos nossas aprendizagens. Percebemos diferentes transposições, implantações e adequações nos terreiros, estabelecendo assim, um complexo cultural que, também, se expressa através de associações religiosas, nas quais, as danças, seus artefatos e manifestações se mantêm e, por ora se renovam. Estruturamos, a partir desses caminhos oficinas e um curso sobre mitologia e movimentações dxs Orixás africanxs utilizando-nos de referenciais como PRANDI (2001) e SÁLÂMÌ (1990).

Nas oficinas e curso executamos um trabalho de condicionamento físico, seguido de jogos rítmicos, bem como de dinâmicas sobre expressão corporal, improvisação e contato. Iniciamos nossos encontros questionando sobre o que sabiam/ conheciam de dança-afro religiosa, se já haviam frequentado centros espíritas de Umbanda, Quimbanda, Candomblé ou outros de matrizes africanas. Estruturamos o curso em dois turnos subdividindo-o em uma escala dxs orixás. A fase inicial foi sobre: Oxalá, Iemanjá, Bará, Oxúm, Ogum, Obá. Já, na segunda trabalhamos com: Xangô, Iansã, Odé, Otím, Xapanã, Ossanhê. Em cada uma discutimos um pouco sobre a mitologia dessxs deusxs africanxs, e em seguida, fomos para as movimentações específicas de cada um, utilizando-nos de descritores sobre arquétipos e adereços/ armas que cada um apresentava em sua mitologia. Depois estimulávamos xs participantes a construírem suas visões sobre xs orixás, a partir do que havíamos estudado discutido e vivenciado.

---

<sup>8</sup> Para Tomáz Tadeu da Silva (2000, p. 96) [...] nossa identidade, assim, não é uma essência, não é um dado, não é fixa, não é estável, nem centrada, nem unificada, nem homogênea, nem definitiva. É instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. É uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo.



## A Festa de Iemanjá... O sagrado que nos fez dançar uma noite inteira

O aporte cultural escolhido, a festa de Iemanjá<sup>9</sup> é um evento de cunho religioso, fixo no calendário festivo cultural do município do Rio Grande – RS, coordenada pela União Riograndina de Cultos Umbandistas e Afro-brasileiros Mãe Iemanjá (URUMI) na pessoa do babalorixá<sup>10</sup> Pai Nilo de Xangô conta com público de diferentes regiões e religiões. Demarco que essa escolha se pautou pelas experiências<sup>11</sup> (LARROSA, 2002) que o grupo havia mencionado ao longo dos nossos encontros semanais. Ademais a isso, tenho compreendido que a religião tem sido um contraponto a vida acadêmica, uma vez que as relações entre fé e ciência parecem silenciadas.

No entanto, observo nas culturas afro, nas danças em específico, um campo investigativo no qual a cada visita, em outras conversas se assentam novas interrogações e possibilidades de problematização sobre as práticas corporais que envolvem este recorte em estudo. Embasamo-nos no campo teórico dos Estudos Culturais<sup>12</sup> em suas vertentes pós-estruturalistas<sup>13</sup> e por este viés mergulhamos nas pedagogias, pensando-as enquanto processos sociais que ensinam, que estão implicados na produção e interlocução de significados atribuídos a um determinado

---

<sup>9</sup> Consta que, na data de 1º de fevereiro de 1963, o então vereador de Rio Grande, João Paulo Araújo organizou a primeira festa dedicada a Iemanjá, na praia do Cassino, em Rio Grande – RS. No ano de 2016 foi realizada a 39ª edição da mesma. Para mais ver: **Blog Festa de Iemanjá na Praia do Cassino Rio Grande - RS - Brasil**. Disponível em: <<http://festadeiemanja.blogspot.com.br/>>

<sup>10</sup> Pode ser chamado de Pai – de Santo, em suma é um chefe espiritual e administrador de uma casa de religião ou centro espírita cuja matriz religiosa seja o africanismo (Umbanda, Quimbanda, Batuque, Candomblé, entre outros), responsável pelo culto aos orixás - candomblezeiro.

<sup>11</sup> Para Jorge Larrosa (2002) a experiência é "o que nos acontece" e não "o que acontece" e o saber da experiência, os sentidos que damos a este acontecido em nós. Então, saberes da experiência não poderiam ser vinculados a conhecimentos e verdades universais e únicas: "Trata-se de um saber finito, ligado à experiência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular [...], por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal" (*Ibid.* p.27).

<sup>12</sup> Enquanto características os Estudos Culturais podem ser entendidos como um campo de teorização e investigação que se utiliza de diversas disciplinas para estudar os processos de produção cultural da sociedade [...] preocupados com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder (SILVA, 2005).

<sup>13</sup> Silva (2005) descreve que, o pós-estruturalismo pode ser entendido como "uma continuidade e, ao mesmo tempo, como uma transformação relativamente ao estruturalismo" (p.118). Essa vertente concebe à linguagem enquanto "sistema de significação". Apresenta deslocamentos em relação ao estruturalismo, no que diz respeito à "passagem de uma noção de fixidez e rigidez da significação para uma na qual a linguagem é fluida, contingente e instável" (*idem*). "Compreende a linguagem como uma ferramenta não neutra" (p. 120). Somado a estas afirmativas Silva (*idem*) argumenta que, nesta perspectiva, "não existe sujeito a não ser como simples e puro resultado de um processo de produção cultural e social".



grupo e/ou contexto. Complemento meu pensamento com as discussões produzidas, sobre pedagogia invisível (BERNSTEIN, 1984) as quais já indicavam que as práticas pedagógicas não se limitavam às escolares explícitas ou institucionalizadas.

Enfatizamos aqui o papel dessas vertentes religiosas como veiculadoras de pedagogias culturais, a partir do momento que ensinam sobre comportamentos, produzindo, assim, subjetividades, identidades e saberes. Segundo STEINBERG e KINCHELOE (2001) as pedagogias culturais supõem que a educação ocorra “numa variedade de áreas sociais, incluindo, mas não se limitando à escolar [...]” (p.14). Articulo a este pensamento uma ideia de Neira (2009), ao expor que ao trabalharmos as danças necessitamos realizar um estudo sobre as mesmas, a fim de não banalizarmos as culturas envolvidas neste processo. Sendo assim, por meio das vivências e debates nos três dias iniciais de curso, preconizamos aprendizados que contemplassem recortes históricos e signos de gestos dxs orixás, direcionando estes saberes a diferentes ritmos e corpos.

Esse processo foi idealizado no planejamento da Educação Física e Educação Artística, como preveem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997 a - b). Outro aporte utilizado foi o Guia de Educação Patrimonial HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO (1999). Resumidamente, os processos contidos na obra indicam que após definir-se o objeto de estudo, no caso, as danças afro religiosas, x educadorx necessita seguir quatro momentos para o conhecimento de um bem cultural, sendo eles: a observação, o registro, a exploração e apropriação.

Além do preparo da coreografia solicitada pelo grupo, tentei conduzí-lxs para o que estavam prestes a fazer, de modo a refletirem sobre esta manifestação artístico-cultural, uma vez que coreografá-lxs em dança-afro religiosa pressupunha não só um novo gênero para elxs, mas sim fazê-lxs mergulhar em outro campo histórico-cultural. Nesse intuito, deixei que produzissem movimentos, a partir do que havíamos estudado e das questões pertinentes às experiências vividas por elxs nos locais em que visitaram. Segundo Sborquia e Neira (2008) compete ax professorx



# ANAIS

## 25º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO



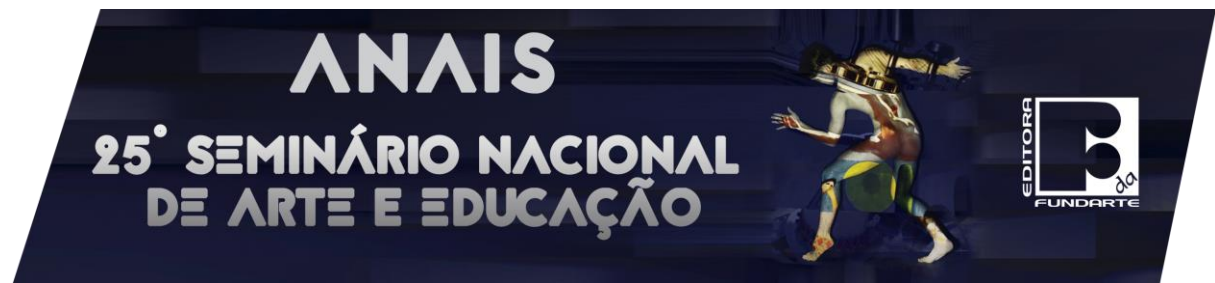
EDITORA  
da  
FUNDARTE

proporcionar diferentes experiências, ao trabalhar com contextos histórico-culturais específicos, dentre eles as danças populares e folclóricas. Ainda, estxs autorxs indicam que a viabilização de práticas com as danças precisam apropriar-se do universo cultural envolvido, seja ele próximo e/ou afastado dxs discentes/ dançantes/ comunidade em geral.

Partimos da ideia de que os corpos e as culturas eram um dos pontos de interseção entre os diferentes cursos envolvidos no projeto e que essa questão estaria inscrita na nossa identidade extensionista. Conseguimos minimamente mapear alguns saberes sobre os corpos e movimentos, posterior a isso, realizado um aprofundamento em uma cultura de dança afro religiosa e buscamos uma possível ampliação dos saberes dxs participantes do grupo sobre xs orixás, suas mitologias, lendas e movimentações e, por último realizamos uma leitura dos aprendizados, o que nos proporcionou dançarmos, aos sons, ritmos e culturas dessas matrizes afro religiosas. Reitero que realizar este levantamento foi meu ponto de partida para consolidação do plano de ensino, dei a ele o nome de diagnóstico de comunidade, sendo a porta aberta para planejar as outras etapas.

### **De todas as danças ficaram as paixões vividas em cada terreiro...**

Discutir construções sobre culturas afro constituiu-se como um dos pontos chave do estágio, por meio das memórias e experiências religiosas do grupo. Utilizando-me de debates sobre danças e religiosidades afro consegui deslocar verdades acerca de culturas afro-brasileiras e algumas de suas manifestações. Através das danças buscamos marcas da ancestralidade das culturas negras em Rio Grande - RS. Creio que minhas relações com este gênero de danças como linguagem corporal permitiram-me olhares sobre a etnia negra pensando sobre histórias e memória que me constituíram, considerando aspectos relacionados à escravidão, diáspora e principalmente religião. Embasado nestes saberes, ensinado de forma oralizada que ocorreu minha imersão nas danças afro-brasileiras, pautando-me por questões de lutas, resistências, religiosidade, saberes e fazeres em forma de memória viva, por ora, traduzidos em movimento.



### Guias que nos conduziram até aqui...

BERNSTEIN, B. Classes e pedagogia: visível e invisível. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 49, 1984. pp. 36-42.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Artística*. Secretaria de educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997a.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*. Secretaria de educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997b.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. *Guia básico de Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN. Museu Imperial, 1999.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan-Fev-Mar-Abr. n 19.2002. pp. 20 – 28.

NEIRA, M. G. *Educação Física, currículo e cultura*. Marcos Garcia Neira, Mário Luiz Ferrari Nunes. – São Paulo: Phorte, 2009.

PRANDI, R. *Mitologia dos orixás*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

SÀLÂMÌ, S. *A Mitologia dos Orixás Africanos: Coletânea de Àdùrà (Rezas), Ibá (Saudações), Oríkì (Evocações) e Orin (Cantigas) usados nos cultos aos orixás na África*. (Em iorubá com tradução para o português). Vol. I: Sàngó/Xangô; Oya/lansã; Osun/Oxum e Obà/Obá. São Paulo: Oduduwa, 1990.

SBORQUIA, S. P.; NEIRA, M. G. As danças folclóricas e populares no currículo de Educação Física: possibilidades e desafios. *Motrivivência* (Florianópolis), v. 31, p. 79-98, 2008.

SILVA, T. T. da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, pp. 111-124.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. [Org.]. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 73-102.

STEINBERG, S.; KINCHELOE, J. L. [Orgs.] *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2001.